

- Ocupações**
- Comunidade/ Povoado
 - Comunidade antiga
 - Sítio
 - Sítio antigo
 - Sítio de festa
 - Outras comunidades
 - Limites das áreas de uso
- Lugares sagrados e históricos**
- Lugar sagrado ancestral
 - Casa de peixe gente
 - Casa sagrada de peixes
 - Lugar maloca
 - Lugar histórico
 - Cemitério
- Manejo de peixes e caça**
- Caçuri
 - Cerca para matapi
 - Piracema
 - Desova de traíra
 - Desova de irapoca
 - Lugar onde cantam as rãs
 - Daracubizal
 - Lago
 - Bebedouro de anta
 - Caminho de queixada
 - Acapamento de pesca/caça
- Outros lugares importantes**
- Nahkã para Praia
 - Nahkuro Ilha
 - Poeya Cachoeira
 - Poço do rio
 - Fonte d'água
- Trilhas**
- Ma'a Trilha/caminho
- Paisagens mapeadas**
- Mata alta
 - Mata baixa
 - Caatinga
 - Igapó
 - Chavascal
 - Capoeira antiga
 - Capoeira nova

Manejo de Peixes e Lugares Sagrados no Baixo Uaupés

Terra Indígena Alto Rio Negro



A região do baixo Uaupés é uma das principais portas de entrada para a Terra Indígena Alto Rio Negro. Abrange onze comunidades e outros sítios menores. Apesar de cada comunidade ser formada por um ou dois grupos étnicos predominantes, todas são multiétnicas, como acontece em quase todo o Alto Rio Negro. Somos principalmente dos grupos **Tukano, Desana, Piratapua e Tariano**, mas há também **Baniwa, Baré, Tuyuka, Siriano, Hupda, Miri-tapua, Bará, Wanano, Kubeo e Arapasso** (sobretudo mulheres).

A maior parte das comunidades foi formada por grupos vindos do rio Papurá tanto do lado brasileiro quanto colombiano. Outros também vieram do alto Uaupés e alguns poucos do rio Içana, como os Baniwa de Santa Terezinha. Os mais velhos que conhecem as histórias dizem que o povoamento da região pelos nossos antepassados ocorreu aproximadamente entre os séculos XIX e XX. No início eles moraram em **malocas (bahsari wii)**, casas comunitais onde viviam várias famílias e que eram também centros cerimoniais. Mas depois da chegada dos missionários, se reuniram para fundar as atuais comunidades.

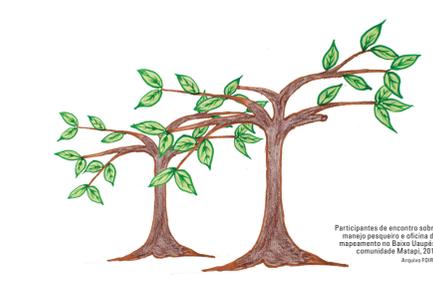
Em 2015, segundo levantamento que realizamos, **179 famílias** viviam na região, totalizando **1.014 pessoas**. A maior comunidade, na verdade um povoado, é Taracua, com 359 famílias. Mas nas demais a população é bem menor, variando entre 5 e 15 famílias em média. Apesar de todas as mudanças que ocorreram na região desde a chegada dos não indígenas, a nossa forma de vida continua sendo baseada principalmente na **pesca e na agricultura**. As práticas de **benzimentos (bahsesé)** para proteção e cura de doenças também persistem, ainda que mais entrançadas. Mas já não fazemos mais as grandes cerimônias de antigamente.

A proximidade com a cidade de São Gabriel da Cachoeira também é um fator que contribui para certas mudanças em nosso modo de vida. E ainda que seja uma vantagem sempre que precisamos resolver algo na cidade, essa proximidade torna nosso território mais vulnerável à **entrada de pescadores de fora**. Por ser uma região boa para a pesca, com muito igapó, igarapés e lagos, muitos vêm da cidade fazer **pesca comercial** na nossa área, inclusive com uso de arrastões e outras técnicas predatórias. Ou então são os próprios parentes indígenas de outras regiões que utilizam nossos locais de pesca sem permissão. Pois o baixo Uaupés é rota de passagem para os que vivem nos rios Tiquié, Papurá, médio e alto Uaupés, incluindo a Inaareté. E há ainda problemas internos de desrespeito às áreas de pesca e uso excessivo de malhadeiras por pescadores das próprias comunidades.

Esses problemas acabam afetando os rios, igarapés e lagos que banham nossa região. Também afetam os **lugares sagrados (wametsé)** que existem no baixo Uaupés. Esses lugares têm uma grande importância não apenas para nós que vivemos na região, mas para todos os grupos que vivem nos rios Uaupés, Tiquié, Papurá, Pirá-Paraná e afluentes, tanto no lado brasileiro quanto colombiano. O baixo Uaupés é um trecho importante da rota de origem de nossos ancestrais, que vieram no ventre de uma cobra-canoa desde o Lago de Leite até a cachoeira de Ipanoré, de onde saíram para povoar a região do Alto Rio Negro. Muitos de nossos locais de pesca, pontos de piracema e áreas importantes para o manejo são **wametsé**. Todos eles exigem respeito, conhecimento e cuidados. Alguns conhecedores dizem até que certos problemas que têm afetado o nosso território e a nossa vida, como a diminuição dos peixes, a imprevisibilidade das estações, as mudanças nas piracemas, o aparecimento de doenças, são em parte devido ao atual desrespeito e desconhecimento sobre esses lugares. Por isso hoje estamos tentando descobrir formas de fiscalizar e cuidar melhor de nosso território, através da reinstituição de um sistema de comunicação mais eficiente, acordos de manejo internos e com parentes de outras regiões, respeito às áreas de uso de cada comunidade e valorização dos lugares sagrados (**wametsé**).

Este mapa é um dos resultados desse trabalho, ao qual nós **AIMAs** do Baixo Uaupés, com apoio dos conhecedores, professores, lideranças e outros moradores, viemos nos dedicando entre 2014 e 2016. Ele foi elaborado com base em uma compilação temática (paisagens, manejo de peixes e lugares sagrados) de mapeamentos mais detalhados que fizemos da área de uso de cada comunidade, a partir de oficinas ministradas por assessores do Instituto Socioambiental (ISA) em parceria com a FUNAI (Coordenação Regional Rio Negro) e com a FOIRN. Para a pesquisa sobre lugares sagrados contamos também com a contribuição de conhecedores de outras regiões que visitaram nossas comunidades no início de 2015 por ocasião da "Expedição Anaconda" (projeto Mapeo), que subiu o rio Uaupés até a cachoeira de Ipanoré para documentar os lugares sagrados.

Esperamos que esse mapa possa ajudar os moradores do baixo Uaupés a manejar e cuidar melhor de nosso território, a partir da valorização de nossos próprios conhecimentos e modo de vida.



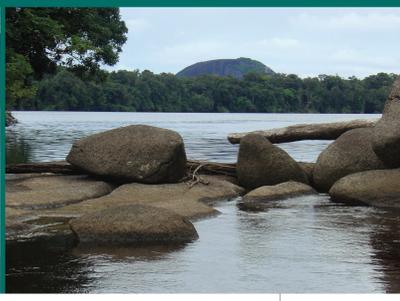
REALIZAÇÃO

ISA, FOIRN, FUNAI, IPHAN, Ministério da Cultura, Regnskogfondet, GORDON AND BETTY MOORE FOUNDATION

APOIO

Organização: Aline Scollaro (ISA) e Renata A. Alves (ISA). **Elaboração de mapa:** Renata A. Alves. **Pesquisas, mapeamentos e textos:** Adelson Fernandes da Silva (Alma São Pedro), Adilson F. Castilho (Alma Ipanoré), Barabá A. Azevedo (Alma Trovão), Cleidson M. Costa (Alma Tapira Ponta), Davi Soares da Silva (Alma Matapi), Délio M. Rodrigues (Alma Taracua), Diógenes M. Moraes (Alma Ananás), Edmar de Jesus L. Dias (Alma Cunur), Euclides L. Pereira (Alma Tapira Ponta), Flavio F. Meireles (Alma Ananás), João Carlos O. Gama (Alma Matapi), José da Silva Martins (Alma Santa Terezinha), José Ivanildo da Silva (Alma Trovão), Larissa Leopoldo M. Duarte (Alma Taracua), Leonardo V. Castro (Alma Ipanoré), Lindomar P. Solano (Alma Taracua), Luis da Silva Miranda (Alma Açai), Omar Almeida da Silva (Alma Açai), Rosivaldo L. Miranda (Alma Açai), Santiago M. Martins (Alma Santa Terezinha), Sebastião Fontes Neto (Alma Uriri), Silvaldo Navarro da Silva (Alma São Pedro), Valdir C. Aguiar (Alma Cunur), Desenhos: Antonio Almeida Silva (Uriri), Adilson F. Castilho (Ipanoré), Délio M. Rodrigues (Taracua), Edmar de Jesus L. Dias (Cunur), Euclides L. Pereira (Tapira Ponta), Eliade Moreira Miranda (Açai), Expedito Djalma (Trovão), João Carlos O. Gama (Matapi), Nelson Bastos (Uriri), José Ivanildo da Silva (Trovão), Jonilson da Silva Gonçalves (Trovão), Nivaldo C. Ferreira (Trovão), Larissa M. Duarte (Taracua), Silvaldo Navarro da Silva (São Pedro), Valdir C. Aguiar (Cunur). **Colaboradores:** conhecedores, lideranças, professores, alunos e demais moradores das comunidades do baixo Uaupés. **Outros colaboradores:** Denivaldo Cruz da Silva (Funai), Nildo Fontes (Funai), Pieter Van der Velthen (ISA), Raphael Rodrigues (Ufscar). **Edição de conteúdo (mapa e texto):** Aline Scollaro. **Design gráfico:** Roberto Strauss

Fontes: Base Cartográfica dos limites políticos, hidrografia e sedes municipais (IBGE, 2015); Terras Indígenas (Instituto Socioambiental, 2015); Vegetação de fundo (Interações/Instituto Socioambiental, 2015); Ecosistemas (Referencia_Tiled/MapServer, 2015) e Mapeamento Participativo das comunidades do Baixo Uaupés (FOIRN/ISA/FUNAI, 2014 e 2015).



Padrões em Tapirina, um dos lugares sagrados do Baixo Uaupés, área da comunidade Tapira Ponta.
Aline Scollaro, 2015

Armadilha de pesca (caçuri) instalada nas pedras da Cachoeira de Ipanoré, entre as comunidades Ipanoré e Uaupés.
Aline Scollaro, 2015

Décima de mapeamento com os Agentes Indígenas de Manejo Ambiental do Baixo Uaupés, comunidade Matapi, 2014.
Aline Scollaro

Visão para a Serra Tukano, área da comunidade São Pedro.
Aline Scollaro, 2015

Buraco de transformação na cachoeira de Ipanoré, local de torção dos primeiros ancestrais.
Aline Scollaro, 2015

